

MÍDIA E EDUCAÇÃO

Humberto Rezende
Da equipe do Correio

Nos últimos anos, a educação se tornou o centro da discussão nacional. A sociedade toda parece concordar com o fato de que sem ampliar o acesso de todos os brasileiros à educação de qualidade, nenhum projeto de melhoria social irá funcionar. O país não conseguirá diminuir as injustiças sociais, não crescerá economicamente nem vai competir no mercado globalizado. Educação passou a ser uma necessidade de todos e para todos (não basta mais apenas alguns terem acesso a ela).

Essa percepção, independente das razões que a geraram, é um evento a ser comemorado e que consegue nos encher de esperanças de ver nascer um país mais democrático. As pessoas, mais educadas, têm mais chances de se tornar cidadãos. Isso fez com que a mídia passasse a reservar espaço privilegiado ao tema. Pesquisa realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), em 1998, mostra que o número de reportagens sobre educação cresceu imensamente no último ano. No primeiro semestre de 1997, a Andi registrou 585 inserções sobre educação nos 50 jornais que acompanha. No primeiro semestre do ano passado, as matérias sobre educação saltaram para 2.390, com a mesma amostragem de jornais. Crescimento de quatro vezes em um ano.

Quando divulgados, esses dados foram motivo de orgulho para os veículos e, principalmente, para os jornalistas que atuam fazendo reportagens sobre o tema. Todos ficamos com a sensação de que estamos fazendo a nossa parte, cumprindo nossa função social, ao dar destaque a tão importante assunto. Mas em novembro passado, fomos apresentados a uma nova pesquisa, essa coordenada pelo Núcleo de Estudos em Mídia e Política (Nemp), da Universidade de Brasília (UnB). A análise, ao contrário da feita pela Andi, é mais qualitativa que quantitativa. E aí (surpresa), vemos que não estamos indo tão bem assim.

"A cobertura cresce, mas ainda é incipiente." É dessa forma que os pesquisadores da UnB iniciam seu estudo. E mostram dados. Cerca de 83% do material publicado nos jornais brasileiros são provenientes de pautas

oficiais, principalmente da assessoria de comunicação do Ministério da Educação (MEC).

Quando excluídos os quatro maiores jornais do país (Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e Jornal do Brasil) e o Correio Braziliense (que mereceu destaque na pesquisa por ser o segundo jornal que mais publica matérias sobre educação, atrás apenas da Folha), esse índice é ainda maior. Ou seja, os repórteres que se dedicam a cobrir educação passam a maior parte do seu tempo esperando que o MEC e outros órgãos oficiais lhes diga sobre o que escrever, qual o tema a ser tratado.

Assim, as iniciativas do governo, como o Provão, a avaliação das universidades, ou a realização do Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) predominam na cobertura. A pesquisa observava também que, quando não há um "grande" assunto surgido nos gabinetes do MEC, a quantidade de matérias cai vertiginosamente.

O estudo é importante porque atenta para o fato de que pouco espaço se dá para matérias que mostrem experiências

inovadoras que estão acontecendo dentro das escolas e que podem servir de inspiração para outros professores do país. Ou para reportagens que ajudem os pais a achar formas de participar mais das decisões do colégio onde seu filho estuda. Ou como empresários podem ajudar a escola pública a melhorar. Essas reportagens surgem esporadicamente, geralmente por iniciativa individual de um repórter sensível ao tema.

É necessário dizer: matérias como essas são essenciais para que a imprensa consiga pelo menos chegar perto de cumprir a sua parte no esforço pela educação que o país ensaia. Ao concentrar sua atenção nas iniciativas do MEC — que, é claro, merecem seu espaço — a imprensa comete um erro enorme. Pois é dentro das salas de aula, no trabalho dos professores, na maior participação da comunidade na escola, que se consegue uma verdadeira mudança e melhoria na educação. E se não divulgar e incentivar esses aspectos, a imprensa estará longe de realizar bem o seu papel.

Ser pautado pelo MEC é ficar na superficialidade do tema. E as

mudanças necessárias — para que a escola pública seja de qualidade, que as crianças recebam, além de informação, uma formação ética — são profundas. O jornalista de educação, se quiser promovê-las, deve mergulhar no universo da educação. Entrar nas escolas e procurar entender o que é um processo desenvolvido por professores e alunos durante todo um ano. Procurar, com dedicação de jornalista investigativo, as idéias simples, mas eficazes, que estão sempre surgindo em uma escola onde a direção e funcionários são mais dedicados.

E depois de mergulhar nesse universo, usando os cinco sentidos, o jornalista deve contar o que viu, atento para o fato de que descrever essas experiências deve ser também uma atitude educadora. Deve inspirar outros professores a adotar aquelas boas idéias, ajudar os pais a compreender o que é a escola de hoje, convencer a todos de que a educação merece a nossa atenção e participação.

Mês passado, um importante passo para que isso passe a acontecer na cobertura de educação que a mídia brasileira faz

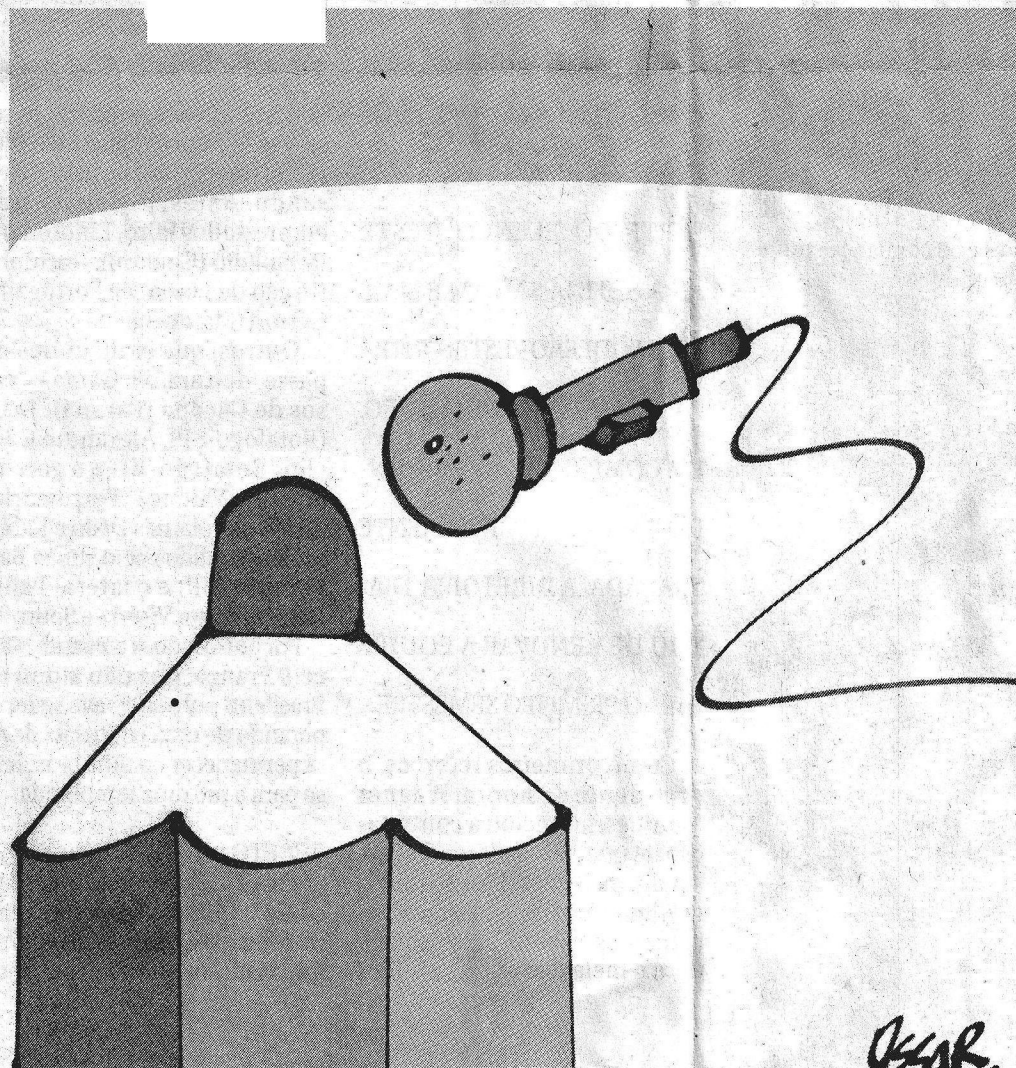
foi dado. Realizado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), MEC, Andi e Instituto Ayrton Senna, o fórum *Mídia & Educação — Perspectivas para a Qualidade da Informação* reuniu em São Paulo repórteres de rádio, tevê, jornal e revista, especialistas em educação e representantes de ONGs para debater a qualidade da cobertura que fazemos sobre educação e sugerir formas de melhorá-la.

Viviane Senna, presidente do IAS, justificou o encontro pela importância do tema. "Tudo passa pela educação. E investir em educação é, antes de tudo, uma grande estratégia de desenvolvimento. O papel da mídia nessa estratégia é fundamental", disse na abertura do evento. O instituto que dirige é responsável pelo maior incentivo à cobertura de educação que surgiu nos últimos tempos. O principal prêmio dado no Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, que premia reportagens relacionadas à infância, é justamente para matérias sobre educação.

Um documento foi elaborado ao final do encontro, que durou três dias. E as propostas vão desde mudanças nos currículos dos cursos de Comunicação no país até a reformulação dos projetos editoriais de jornais e revistas, passando pela criação de um site na Internet que reúna o máximo de informações e contatos com especialistas.

Mas a principal mudança que deve acontecer para que cheguemos a uma cobertura mais eficiente deve acontecer na mentalidade dos jornalistas. O fato é que cobrir educação ainda não dá status na profissão. Geralmente o repórter que vai a um colégio conversar com crianças de oito anos que estão protagonizando uma experiência pedagógica inovadora e que pode servir de exemplo para outras escolas é um simples foca (jornalista iniciante).

Uma colega da revista Isto É disse no encontro que, na redação onde trabalha, ela é chamada de "tia" pelos colegas, só porque cobre as escolas. A brincadeira é simpática, engraçada, mas revela que essa área ainda não é tida como "importante" no meio. E aí, quando o foca começa a dominar e escrever bem sobre o assunto, chega a hora de mudar de área, ir para uma cobertura mais nobre. Crescer na profissão. Talvez, quem sabe, cobrir o MEC!



OSCAR